

A INFLUÊNCIA DA TEORIA DO APEGO NA MANIFESTAÇÃO DO TDAH E SUA CONSEQUÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA

Anna Carolina Menta

Graduada em Engenharia agrícola (Unicamp), Pedagogia (Unip), licenciada em letras (Claretiano), especialista em educação infantil e alfabetização, psicopedagoga e graduanda em psicologia na UNIFACCP.

Raquel Facina Monnerat

Analista de gestão ambiental, terapeuta holística e graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário de Paulínia - Unifacp.

Nathália Ferreira Siqueira

Dra. em Ciências Médicas da UNICAMP. Orientadora deste trabalho.

RESUMO - O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) buscou compreender como o tipo de relação entre pais ou cuidadores primários pode influenciar no desenvolvimento da pessoa com TDAH. Foi realizado um estudo investigativo, através do levantamento de dados científicos sobre os temas de interesse como a Teoria do Apego e seus tipos de vínculos e os aspectos gerais do TDAH em crianças e adolescentes. Buscou-se identificar as prováveis relações entre estes dois temas e seus efeitos no desenvolvimento humano e compreender como o tipo de relação entre pais ou cuidadores primários pode influenciar no desenvolvimento da pessoa com TDAH. Trata-se de um estudo de revisão não sistemática, porém baseado nas recomendações metodológicas PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses), para identificação de artigos incluídos na pesquisa. Conclui-se, a partir dos estudos realizados, que parece haver uma falta de representatividade populacional nos estudos de coorte e casos-controle, por trabalharem populações muito específicas e restritas. Também as revisões sistemáticas apontam para a mesma carência de representatividade, apontando vieses diversos que indicam a necessidade de estudos mais amplos. Apesar disso, há evidências da influência do apego inseguro e desorganizado na manifestação sintomatológica do TDAH na criança e no adolescente, corroborando o questionamento inicial proposto neste estudo.

Palavras-chaves: Apego; Infância; Adolescente; TDAH.

INTRODUÇÃO

O apego, também denominado como vínculo afetivo, é a relação que a criança estabelece com a sua figura de referência, quando esta lhe proporciona segurança, cuidado, proteção e suporte (BOWLBY, 1969/1990). Considerado como uma necessidade básica do ser humano por John Bowlby, o apego além de ter como função principal a necessidade biológica de proteção e segurança, é considerado como elemento essencial, tão importante quanto o próprio alimento, nas fases iniciais da vida de qualquer indivíduo.

O TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é considerada a psicopatologia que, de acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção - ABDA, apresenta o número de casos que variam entre 5% e 8% a nível mundial, devendo-se levar em conta ainda as implicações desses números, uma vez que essas crianças podem apresentar também comorbidades. Com o aumento no número de diagnósticos de transtornos como o TDAH, as implicações da questão ficam mais evidentes, levando a uma preocupação das famílias e educadores em como ajudar essa criança. Considerando essa problemática, este trabalho visa entender se o tipo de apego que a criança estabelece com seus cuidadores primários, de acordo com a teoria de Bowlby, pode interferir na manifestação sintomática do TDAH na adolescência.

A partir desta concepção, pretende-se compreender como o estilo de apego (ou vínculo afetivo primário) pode ou não interferir na manifestação sintomatológica do TDAH, que embora constitua-se como um transtorno do neurodesenvolvimento, apresenta o contexto familiar e outros fatores ambientais, como fator relevante na manifestação da enfermidade. Pretende-se, a partir desse trabalho, estudar a influência da teoria do apego, de John Bowlby, na manifestação sintomatológica do TDAH, a partir de um referencial bibliográfico.

O desenvolvimento humano sempre esteve baseado em conceitos de maturação biológica, mas, considerando a formação da subjetividade, temos que considerar não apenas aspectos biológicos como também sociais e a influência do núcleo familiar, ou dos cuidadores de referência da criança que formarão as bases para a constituição do indivíduo durante a infância, impactando a vida deste na adolescência e na vida adulta.

Ainda com relação à criança e ao adolescente, precisamos considerar o período de frequência escolar, em que este indivíduo vai ser estimulado em seu desenvolvimento cognitivo e social, que serão as bases para a formação do cidadão crítico e reflexivo, capaz de tomar decisões e ter uma vida independente, podendo se inserir no mercado de trabalho, constituir família e contribuir de forma construtiva para a sociedade (EINSENSTEIN, 2005; ARRUDA, 2006; SIEGEL, 2016).

Na infância, durante o período de escolarização, as famílias começam a perceber com maior clareza algumas questões que podem afetar a aquisição de conhecimentos na escola, dentre elas, o TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, momento este em que estas famílias, muitas vezes, buscam o auxílio das escolas para entenderem o que se passa com seus filhos, sendo em alguns casos encaminhados para os serviços médico-terapêuticos para avaliação e diagnóstico. (EINSENSTEIN, 2005; ARRUDA, 2006; SIEGEL, 2016)

Winnicott (2011, p.45) aponta que “(...) pais superprotetores deixam seus filhos aflitos, assim como pais pouco confiáveis tornam as crianças confusas e

amedrontadas”. Seguindo este pensamento, como o tipo de relação entre pais ou cuidadores primários e filhos influenciará no desenvolvimento da pessoa com TDAH?

Ainda segundo Winnicott (2011, p.45), “é o ambiente circundante que torna possível o crescimento (...); sem uma confiabilidade ambiental mínima, o crescimento pessoal da criança não pode se desenrolar ou desenrola-se com distorções”. Diante disso, este estudo pretende estabelecer qual a influência da teoria do apego na manifestação do TDAH e qual será a consequência disto na adolescência, fase de transição entre a infância e a vida adulta e momento de profundas transformações cerebrais no indivíduo. Desta forma, serão abordados, neste trabalho, conceitos acerca da teoria do apego, do TDAH e do que se refere à adolescência.

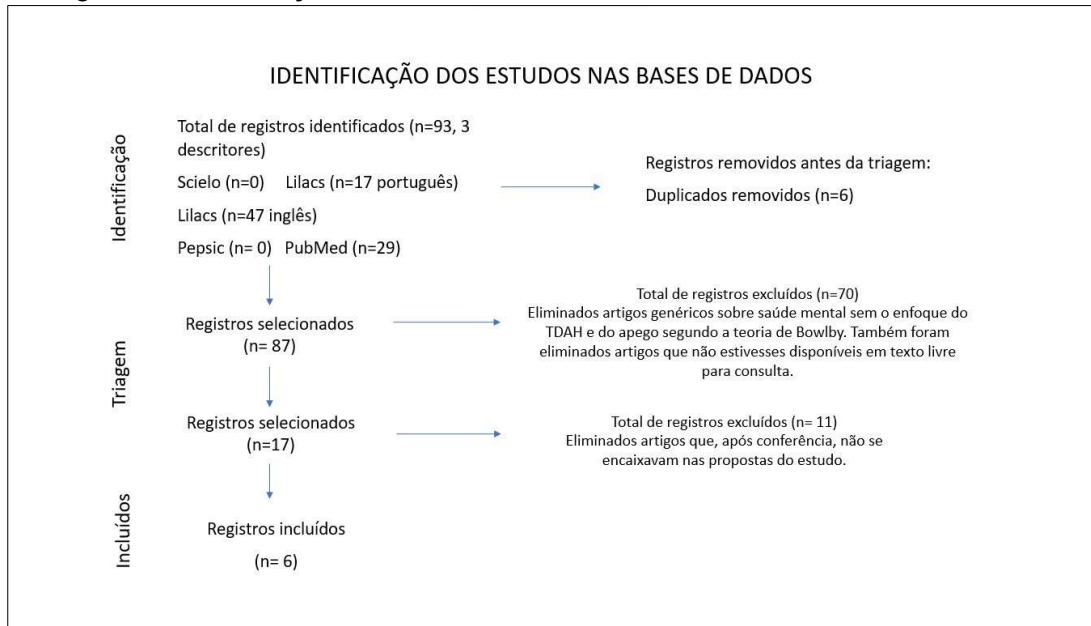
Para responder ao problema proposto na investigação, a pesquisa se baseou na visão dos principais autores pesquisados nestes temas, dentre os quais mencionamos John Bowlby, criador da Teoria do Apego e Russel Barkley, referência no estudo do TDAH.

O objetivo principal desta pesquisa foi compreender como o tipo de relação ou vínculo afetivo entre pais ou cuidadores primários pode influenciar no desenvolvimento da pessoa com TDAH, considerando os tipos de vínculo definidos por John Bowlby em sua Teoria do Apego, os aspectos gerais do TDAH na infância e na adolescência e suas possíveis relações.

Como metodologia, as pesquisadoras adotaram uma revisão sistemática de literatura efetuada por duas pesquisadoras graduandas do curso de psicologia, seguindo os critérios de busca orientados pelo modelo PRISMA, conforme figuras 1, 2 e 3 a seguir. Ainda foram atendidas as seguintes etapas: definição do tema e identificação da hipótese de pesquisa, definição dos critérios de inclusão e exclusão de artigos, avaliação dos estudos incluídos na revisão, interpretação e discussão de resultados e conclusão.

Foram feitas buscas de artigos nas seguintes bases de dados: Lilacs, Scielo, PubMed e Pepsic. Foram considerados artigos publicados nos últimos 10 anos e com texto completo disponível para consulta livre nas bases de dados. As buscas foram realizadas pelas duas pesquisadoras de maneira independente, ao mesmo tempo, comparando-se os resultados. Inicialmente, foram utilizados os descritores “apego”, “adolescente”, “TDAH” combinados com o operador booleano AND. A mesma busca foi feita com os termos em inglês, utilizando-se os descritores “attachment”, “adolescent”, “ADHD”. Desta busca, conforme figura 1, foram selecionados seis artigos para o estudo.

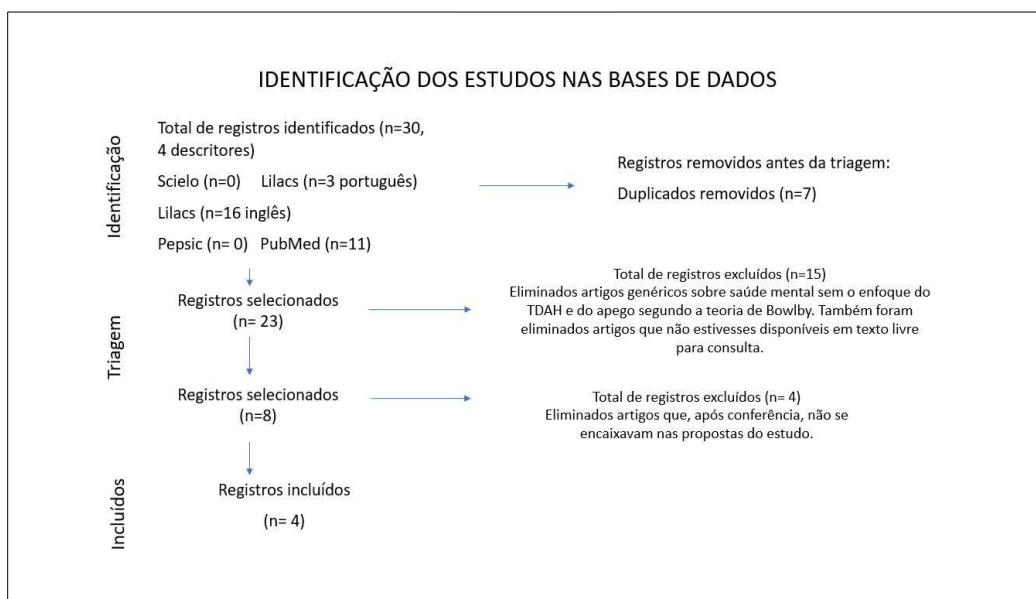
Figura 1: Identificação dos estudos nas bases de dados com três descritores.



Fonte: autoras.

Em um segundo momento, foram feitas buscas nas mesmas bases de dados, utilizando-se, desta vez, quatro descritores, tendo-se adicionado o termo “infância” e “childhood” aos descritores anteriores. Essa inclusão deveu-se ao fato de que poucos estudos foram encontrados limitando-se as buscas ao período da adolescência. Nesta segunda busca foram selecionados, conforme figura 2, quatro artigos.

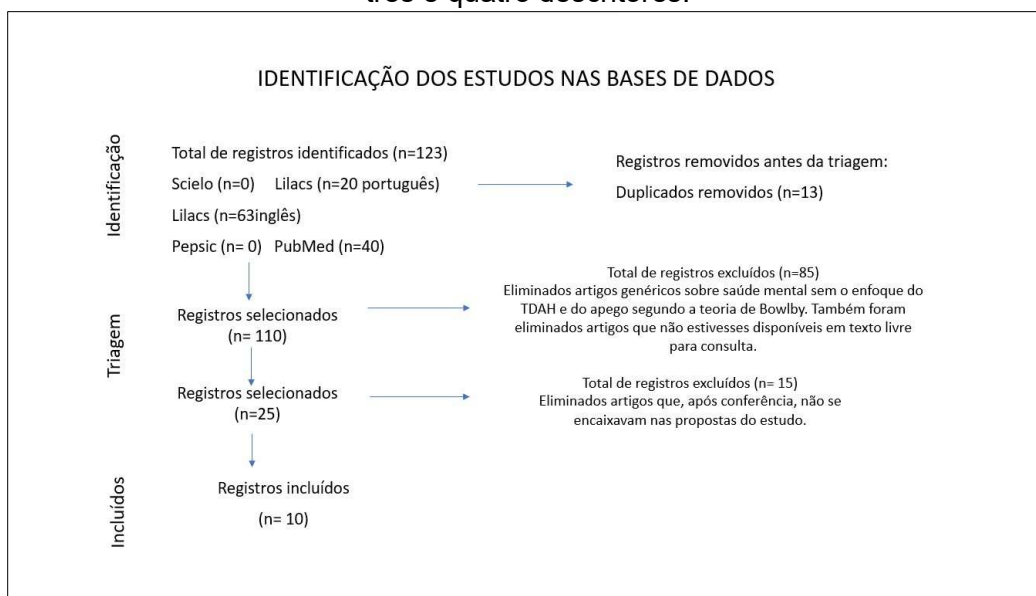
Figura 2: Identificação dos estudos nas bases de dados com quatro descritores.



Fonte: autoras.

Optou-se, dessa forma, pela revisão de todos os artigos selecionados a partir das duas buscas realizadas, conforme figura 3.

Figura 3: Identificação dos estudos nas bases de dados - soma dos resultados com três e quatro descritores.



Fonte: autoras.

Após essa seleção dos dez artigos incluídos no estudo, procedeu-se a etapa de leitura criteriosa destes, para avaliação de conteúdo e obtenção de dados para posterior discussão e confirmação da hipótese levantada nesta pesquisa, de que o apego teria influência na manifestação sintomatológica do TDAH.

Durante essa etapa foram eliminados três artigos, sendo dois deles por motivos de seguirem um viés muito específico que poderia comprometer os resultados obtidos

e um por motivo de ser apenas a apresentação de um projeto de pesquisa ainda não concluído e, portanto, sem resultados que pudessem ser relacionados no presente estudo. Desta forma, foram efetivamente considerados para o estudo sete artigos.

Os artigos incluídos estão elencados na tabela abaixo:

Número	Artigo	Tipo de estudo	Ano de publicação
1	An attachment research perspective on ADHD. (14)	Estudo de revisão	2016
2	Another way of thinking about ADHD: the predictive role of early attachment deprivation in adolescents' level of symptoms. (19)		2014
3	Can attachment predict core and comorbid symptoms of attention-deficit/hyperactivity disorder beyond executive functions and emotion. (11)	Coorte	2021
4	Attachment style in children with chronic diseases: a comprehensive review. (6)	Estudo de revisão	2020
5	Attachment and Executive Functions in ADHD Symptomatology-Independent Inputs or an Interaction? (15)	Estudo de revisão	2020
6	Attachment Representations in Children with and without Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder (ADHD) (8)	Caso-controle	2021
7	Attachment in adolescents with attention deficit hyperactivity disorder and oppositional defiant disorder. (13)	Caso-controle	2022

Tabela 1: Artigos incluídos na revisão.

Os sete artigos selecionados foram criteriosamente lidos pelas pesquisadoras, elencando-se as temáticas comuns e aspectos que corroborem ou refutem a hipótese proposta. Os resultados serão apresentados na discussão.

1. A TEORIA DO APEGO

A Teoria do Apego (TA), considerada uma das principais teorias da psicologia, teve o seu embasamento teórico fundamentado em diversas teses e concepções, tais como as relações objetais da psicanálise, a biologia evolucionária, a etologia, a

psicologia do desenvolvimento e as ciências cognitivas. Criada pelo psiquiatra infantil e psicanalista britânico John Bowlby (1907-1990), a teoria surgiu a partir do seu interesse em estudar os efeitos do cuidado materno sobre as crianças, em uma época em que a guerra havia deixado muitos órfãos. Bowlby observou que o cuidado inadequado ou a ausência de atendimento às necessidades fisiológicas das crianças de zero a seis anos poderia moldar ou afetar a formação e o desenvolvimento cognitivo e comportamental dos indivíduos, assim como os padrões de comportamentos apresentados na fase adulta. (DALBEM e DELL'AGLIO, 2005, p.14)

Com o intuito de evidenciar empiricamente a relação de apego da criança com sua figura materna e seus desdobramentos, Bowlby buscou pesquisar experiências práticas que pudessem demonstrar seus estudos teóricos, e através de parcerias bem-sucedidas com pesquisadores como Mary Ainsworth e sua experiência de “situação estranha”¹ e Herry Harlow com as “mães de arame”², foi possível assegurar a importância do vínculo materno nos primeiros anos de vida. (ABREU, 2019, p.52-57)

J. Bowlby (1989) considerou o apego como uma necessidade básica do ser humano, assim como a alimentação, a proteção e a reprodução; sendo um comportamento biologicamente programado que funciona dentro de um contexto de outros sistemas de controle comportamentais (DALBEM e DELL'AGLIO, 2005). A principal função do comportamento de apego está ligada à necessidade biológica de proteção e segurança, por isso a criança irá buscar proximidade com o seu cuidador, geralmente a mãe, podendo ser também outra figura representativa, a qual irá representar para ele a figura com mais aptidão para lidar com o mundo.

J. Bowlby (1969/1990) afirma que há dois tipos de fatores que podem influenciar na ativação do sistema de comportamento do apego: um relacionado às condições físicas e temperamentais da criança e outro relacionado às condições ambientais.

¹ O procedimento da situação estranha foi um experimento que consistia em uma série de episódios, nos quais uma criança de um ano era observada em uma sala pequena, contendo brinquedos e acompanhada por um adulto desconhecido, onde toda a situação lhe era estranha. Num primeiro momento, a criança tinha a companhia da mãe na sala, em outro a mãe se ausentava e posteriormente ela voltava. O objetivo desse experimento era medir a tensão acumulada pela criança na ausência da mãe e a sua reação no momento de reaproximação. O resultado do experimento realizado com diversas crianças foi a constatação da existência de diferentes tipos de apego, em que Mary Ainsworth classificou as crianças como ansiosamente apegadas e evitativas ou seguramente apegadas.

² Experimento desenvolvido por Herry Harlow, em que filhotes de macaco da espécie Rhesus eram separados de suas mães no nascimento e posteriormente eram colocados com duas mães fictícias, uma de arame que continha uma mamadeira à disposição e outra feita de tecido macio e aveludado sem mamadeira. Com isso, ele concluiu que os filhotes de macaco sempre buscavam a mãe aconchegante (de tecido macio), mesmo em situações de medo, que a necessidade do vínculo era maior do que a necessidade de alimentação.

Ambas terão uma influência direta nas respostas afetivas e no desenvolvimento cognitivo da criança e no estilo de apego ao longo de toda a sua vida.

Coutinho et al (2020) confirmam esta concepção ao afirmarem que “os cuidadores que promovem apego de base segura possibilitam que as crianças enxerguem o mundo exterior com expectativas positivas (...) demonstrando maior confiança na figura de apego para suprir necessidades.”

Segundo Dalbem e Dell’aglio (2005), vários estudos indicam que a teoria do apego contempla desde os processos normais de desenvolvimento até algumas das psicopatologias abordadas no DSM-5, além da contribuição no entendimento de traumas e bloqueios emocionais significativos. Portanto, é evidente que a TA representa um importante suporte empírico coerente para a compreensão dos processos de desenvolvimento ditos normal e patológico.

2. ENTENDENDO O TDAH NO NEURODESENVOLVIMENTO

O TDAH - transtorno de déficit de atenção e hiperatividade - é um transtorno do neurodesenvolvimento, sendo assim, a pessoa nasce com ele, estando presente desde a infância e seguindo por toda a vida do indivíduo. A pessoa com TDAH não apresenta atraso cognitivo, embora possa ser acometida por problemas de linguagem e aprendizagem pertinentes às dificuldades de atenção e concentração (BARKLEY, 2002; ARRUDA, 2006).

Arruda (2006) explica que o TDAH é um transtorno mental de origem neurobiológica, ou seja, não é decorrente de características da personalidade, defeito de caráter, fatores ambientais ou educacionais. Nenhuma criança desenvolve o TDAH por ter sido mal-educada ou por desajustes nas relações familiares.

No TDAH as funções executivas encontram-se afetadas, então a pessoa com TDAH tem dificuldades geradas por ter menos controle inibitório e a memória de trabalho pode estar afetada. Funções executivas correspondem a um conjunto de funções utilizadas em situações que demandam controle de atenção, planejamento e comportamento direcionado à realização de um objetivo. Essas questões podem atingir o indivíduo no tocante à resolução de problemas, humor e interação social.

Para Coutinho et al. (2020), muitas crianças e adolescentes com TDAH apresentam condições sociais prejudicadas e, no que se refere à interação social com os pares, podem ser reforçadas pelas reações negativas a seu próprio comportamento disruptivo.

De acordo com Barkley (2002), não se trata apenas de estar desatento ou hiperativo, ou de um estado temporário que será superado, porém normal da infância

ou ainda, como preconizado pelo senso comum, fator determinado pela falta de disciplina dos pais ou educadores. O TDAH, conforme apontado pelo autor, é um transtorno real, que reflete em prejuízos para o indivíduo.

Embora o TDAH possa se manifestar antes dos sete anos, nesta idade ele ainda pode ser confundido com as características da fase de desenvolvimento das crianças. Assim, ele passa a ser mais evidente a partir do ingresso da criança no ensino fundamental, quando ela começa a ser alfabetizada e na maioria dos casos aparecerá antes dos 12 anos, entrada do indivíduo na adolescência, fase do desenvolvimento foco deste estudo.

As principais características do transtorno são desatenção, hiperatividade e impulsividade, características estas que serão determinantes da classificação dos subtipos de TDAH: 1º subtipo - predominantemente desatento; 2º subtipo - predominantemente hiperativo/impulsivo e 3º subtipo – combinado

Barkley (2002) aponta ainda que até 80% das crianças em idade escolar com diagnóstico de TDAH continuarão a apresentar o quadro na adolescência e entre 50 e 65% continuarão a apresentá-lo na vida adulta.

Papalia (2022) apresenta a adolescência como uma construção social que envolve uma transição no desenvolvimento envolvendo diversas mudanças na vida do indivíduo, tanto físicas quanto cognitivas, emocionais e sociais.

Segundo Evelyn Eisenstein (2005), a adolescência pode ser definida como:

O período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. A adolescência se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade, obtendo progressivamente sua independência econômica, além da integração em seu grupo social.

Historicamente, este período que compreendemos como adolescência que segundo Siegel (2016) vai aproximadamente dos 12 aos 24 anos (alguns autores alegam que o final da adolescência na contemporaneidade pode ser ainda mais adiante), nem sempre existiu sendo definida como “um período único de desenvolvimento no ciclo de vida no século XX” (PAPALIA, 2022). Antes disso, a criança passava a assumir funções de adultos assim que sua constituição corporal permitisse, ou quando da aquisição de algum aprendizado profissional. Se antigamente aos sete anos a criança em muitos casos já passava a exercer funções de adultos, hoje temos situações em que indivíduos que já passaram dos 24 anos preconizados por Siegel ainda dependem economicamente dos pais.

Por se constituir como um período de muitas transformações, é importante o estabelecimento de vínculos seguros desde o nascimento para que o adolescente possa se tornar um adulto seguro e capaz de conduzir sua vida de forma independente, incluindo situações em que o indivíduo seja acometido por transtornos do neurodesenvolvimento, como é o caso já mencionado de TDAH.

Dolto (2004, p.13) informa que a adolescência é uma fase de mutação, na qual o indivíduo “atravessa uma fase de mudança sobre a qual ele nada pode dizer e em que, para os adultos, ele é objeto de questionamento que, dependendo dos pais, é carregado de angústia ou total indulgência.” A autora ainda afirma que nesta fase, o adolescente reproduz a fragilidade do recém-nascido, sendo muito sensível aos olhares e palavras a ele dirigidos.

Siegel (2016, p.135) aponta ainda que “os modelos que levamos em nossas mentes influenciam muito como nos sentimos, pensamos, nos comportamos e como nos conectamos” com o mundo ao nosso redor. Assim, se o indivíduo tiver vínculos seguros, ele terá melhores condições psicossociais de lidar com as diversas situações que possam surgir ao longo da vida, tomar decisões mais assertivas, além de ter uma organização interna mais bem estruturada com relação àqueles que tiverem modelos de vínculo não seguro.

3. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NO MANEJO CLÍNICO DE ADOLESCENTES COM TDAH E A RELAÇÃO COM A TEORIA DO APEGO

Segundo Abreu (2019, pag.14), um dos pressupostos fundamentais da psicoterapia de vanguarda é que tudo aquilo que experienciamos desde o nosso nascimento e em cada fase do desenvolvimento, nos permite adquirir conhecimentos ou “marcas” como ele denomina, que resultam em padrões e conceitos com significado pessoal. Sendo assim, ele afirma que “somos seres históricos que, abertos à multiplicidade de estímulos, organizamos e damos sentido às nossas experiências.”

Abreu (2019) também define que os vínculos afetivos primários exercem um papel fundamental em nosso desenvolvimento, pois ao interagir com as figuras de apego vivenciamos nossas primeiras emoções e esse processo resultará em sucessivas internalizações que irão favorecer a criação de nossa autoimagem e de nossa percepção do mundo.

Quando o indivíduo tem a oportunidade de experimentar uma relação de vínculo chamada de “base segura”, em que recebe apoio e segurança nos diversos períodos de desenvolvimento, provavelmente se tornarão adultos seguros e autoconfiantes, enfrentando as dificuldades com mais habilidade, tendo também mais facilidade em seus relacionamentos. Do contrário, a criança que não experimenta um vínculo afetivo

de base segura, irá apresentar dificuldade perante as adversidades da vida e principalmente em seus relacionamentos interpessoais.

Portanto, descobrir os padrões adquiridos através das repetidas experiências de vinculação afetivas, pode nos permitir compreender os comportamentos nocivos apresentados na adolescência e na vida adulta, incluindo os quadros psicopatológicos.

E como visto anteriormente, o TDAH apesar de ser um transtorno do neurodesenvolvimento, pode ter como fator agravante as interferências do meio externo, por isso as relações de vínculos experienciadas desde o nascimento podem ajudar ou prejudicar a criança acometida pelo transtorno. Por exemplo, as mães que ignoram as necessidades de afeto e segurança de seus bebês, estão de certa forma ensinando-lhes a não comunicarem suas aflições, permitindo que assim sejam construídas bases empobrecidas de comunicação e relacionamento. À medida que esse comportamento da mãe se torna algo frequente, os padrões de interação da criança irão se formar de forma ambivalente e insegura, e isso irá dificultar ou até mesmo impedir que se torne um sujeito com habilidades de comunicar suas carências e necessidades de forma clara e direta. (ABREU, 2019)

Esse padrão irá se apresentar na vida adulta em diferentes tendências e preferências de relacionamento, ou seja, o tipo de vínculo afetivo primário irá interferir nas condutas de vinculação na vida adulta. Aqueles que experienciaram um vínculo de base segura, terão mais facilidade para explorar o mundo e confiar em outras pessoas, permitindo se abrir aos relacionamentos, sejam amigáveis ou amorosos. Já os indivíduos que experienciaram um vínculo de base insegura ou ambivalente, terão mais dificuldade para confiar em outras pessoas que não sejam familiares diretos.

Em seu livro, Abreu exemplifica:

Por exemplo, as expectativas das pessoas seguras de encontrar outros disponíveis, em momentos de necessidade, leva-as a buscar apoio social para lidar com o estresse. Isso as torna mais estruturadas emocionalmente e mais resistentes às situações de desconforto. Em contraste, as pessoas inseguras (evitativas), as quais desenvolveram expectativas negativas e pouco confortáveis sobre a disponibilidade dos outros nas situações de necessidade, tenderão a usar muito mais estratégias de autoenfrentamento em vez de procurarem apoio e segurança nos outros. (ABREU, 2019, pag.157)

Portanto, existem muitas evidências fundamentadas partindo de estudos e pesquisas que nos levam a relacionar os vínculos afetivos primários e a influência do contexto familiar no desenvolvimento cognitivo da criança.

Considerando o TDAH, um transtorno que afeta diretamente as habilidades cognitivas e relacionais, o vínculo de base segura pode contribuir na forma do sujeito lidar com as sintomatologias em diferentes fases da vida.

4. DISCUSSÃO

O principal objetivo do presente projeto de pesquisa foi estudar os tipos de vínculos afetivos primários, segundo a teoria do apego de John Bowlby, e suas possíveis influências na manifestação dos sintomas do TDAH, entre crianças e adolescentes.

Após análise minuciosa dos artigos científicos selecionados, pudemos observar que o tipo de vínculo inseguro e desorganizado está frequentemente associado ao quadro sintomatológico de TDAH, ou seja, a privação de apego nos primeiros anos de vida, seja por quaisquer motivos, influencia negativamente o desenvolvimento de habilidades de atenção e de autocontrole emocional e comportamental.

O artigo intitulado *Another way of thinking about ADHD: the predictive role of early attachment deprivation in adolescents' level of symptoms* (19) (*Outra Maneira de pensar o TDAH: o papel preditivo da privação precoce do apego no nível de sintomas dos adolescentes*), publicado em abril de 2013, buscou verificar em uma amostra com 641 adolescentes adotados a relação preditiva entre privação precoce de apego e TDAH. Os resultados apontaram que a privação precoce vivida por essas crianças no primeiro mês de vida, resultou em fatores preditivos para o nível de sintomas de TDAH. Entre esses fatores levantados foram identificados a falta de assistência na regulação afetiva, a falta de reciprocidade e a falta de espelhamento e contenção emocional por parte do cuidador. Esse estudo reforça a importância das interações responsivas entre criança e cuidador para o desenvolvimento de um relacionamento de base segura, o qual permite à criança regular seu próprio afeto e comportamento no futuro. No caso dos adotados, a idade de adoção foi uma variável consideravelmente importante, neste estudo observou-se que quanto menor o tempo de privação de apego, menor o impacto no nível de sintomas de TDAH.

A pesquisa publicada em 2021, intitulada *Attachment Representations in Children with and without attention - deficit/hyperactivity disorder* (8) (*Representações de Apego em crianças com e sem Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade*), utilizando uma amostra com 104 crianças entre 4 e 11 anos, sendo 74 diagnosticadas com TDAH e 30 crianças controle, buscou analisar as representações de apego nos dois grupos distintos. Apesar da constatação dos autores de que há uma necessidade urgente em investir em mais pesquisas sobre a temática, algumas evidências apontam para uma forte ligação entre apego inseguro e desorganizado e sintomas de TDAH. Entre essas evidências, os autores citam a relação entre os altos níveis de estresse no início da vida (devido a não responsividade do cuidador) e o impacto direto na maturação do cérebro, o que contribui potencialmente para psicopatologia do neurodesenvolvimento como o TDAH. Outra evidência observada foi a dificuldade de

aprendizado das crianças com TDAH em relação aos sinais de segurança de seus cuidadores, o que implica em maiores esforços para estabelecer um apego seguro exigindo mais dedicação e persistência da figura de cuidado, considerando que esta muitas vezes também possui TDAH.

Na revisão bibliográfica realizada por Lukasz Konowalek e Tomasz Wolanczyk em 2020, *Attachment and Executive Functions in ADHD Symptomatology-Independent Inputs or an Interaction?* (15), foi verificada a possibilidade de uma influência indireta das funções executivas (inibição cognitiva, elasticidade cognitiva, planejamento e memória de trabalho) no TDAH por meio de outra variável como o apego. Tal hipótese surgiu após estudos das funções executivas no TDAH, em que os pesquisadores reconheceram que provavelmente há outros fatores possivelmente inconscientes que influenciam o desempenho atencional e executivo. Isto porque o vínculo afetivo primário é responsável por internalizar na criança diferentes tipos de símbolos, memórias e scripts que formam os chamados modelos internos de trabalho, estabelecidos na faixa etária entre 6 meses e 3 anos, que irão definir seus padrões de relacionamento. Após consolidado o padrão de apego ou estilo de apego, esse modelo se apresenta bastante estável, influenciando nos relacionamentos futuros. Segundo os autores, 52,7% das crianças com desenvolvimento típico (sem TDAH) apresentam estilo de apego seguro, enquanto 20,8% das crianças com TDAH apresentam o mesmo estilo de apego. Já em relação ao estilo de apego desorganizado, foi constatado que apenas 6,3% das crianças com desenvolvimento típico apresentaram esse estilo, enquanto 33,3% das crianças com TDAH apresentam o mesmo estilo.

No entanto, esse estudo também apresentou a necessidade de mais pesquisas nesta área, para investigar quais aspectos do TDAH são explicados por déficits das funções executoras e quais por estilo de apego inseguro.

A Revista Paulista de Pediatria publicou em 2020 um artigo intitulado *Attachment Style in Children with chronic disorders: a comprehensive review* (6) (*Estilo de Apego em crianças com doenças crônicas: uma revisão bibliográfica*), em que os autores foram além das hipóteses de relação e influência entre estilo de apego e TDAH. Este estudo acrescentou as possíveis intervenções dirigidas às famílias dos pacientes, no que diz respeito ao estilo de vinculação, sugerindo a necessidade de uma mudança relacional entre criança e seus pais, com o intuito de aumentar a capacidade dos pais em atender as necessidades de seus filhos, melhorando assim a conexão, a confiança e o estabelecimento de um vínculo mais próximo e seguro. Este estudo também ressaltou a importância de se obter uma articulação interprofissional e interdisciplinar, somando diferentes saberes, para melhor conhecer e resolver as necessidades da criança com

TDAH e de seus familiares, considerando a heterogeneidade e complexidade de cada caso.

Na pesquisa realizada por Anna Kaÿmierczak-Mytkowska et al. (2022), *Attachment in adolescents with attention deficit hyperactivity disorder and oppositional defiant disorder* (13), os autores buscaram avaliar os estilos de apego entre adolescentes de 13 a 16 anos, sendo 40 deles com TDAH e TOD (Transtorno de Oposição Desafiante), 40 apenas com TDAH e 40 com desenvolvimento típico (sem TDAH e sem TOD). Os autores apontaram que o estilo de apego evitativo-ansioso é mais comum, em relação à pai e mãe, no grupo de adolescentes com TDAH e TOD e que no grupo de adolescentes apenas com TDAH é dominante o estilo de apego seguro em relação à mãe e evitativo-ansioso em relação ao pai. Esse resultado confirma que o estilo de apego, independentemente de ser em relação à mãe ou pai, representa de fato um fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologias. Uma vez que a criança não tenha recebido um estilo de apego seguro, que garanta a sensação de segurança e suporte, provavelmente sofrerá um impacto negativo em seu processo de regulação emocional e comportamental.

Entre os artigos científicos selecionados para a elaboração deste projeto, encontramos diferentes estruturas e propostas de pesquisas, englobando revisões bibliográficas, estudos de coorte e casos-controle. Alguns não apresentaram um resultado conclusivo definitivo, porém trouxeram à tona importantes reflexões para o estudo da relação entre apego e sintomas de TDAH.

R. Kissgen e S. Franke (2016), no artigo *An attachment research perspective on ADHD* (14), apontaram dois aspectos relevantes a serem considerados no estudo da relação entre apego e TDAH: o papel da transmissão transgeracional do apego no desenvolvimento do TDAH na criança e a diferenciação do uso do constructo TDAH nas diversas pesquisas existentes.

A transmissão transgeracional refere-se à transmissão dos sintomas entre gerações, como um ciclo que se repete na família, e no caso do apego acontece quando os pais reproduzem o estilo de apego que receberam com seus filhos. Isto acontece devido ao fato desses pais não conhecerem outro tipo de apego e não possuírem, portanto, outros modelos internos de trabalho, reproduzindo assim muitas vezes o apego inseguro, o qual experienciaram na infância.

Quanto ao constructo TDAH, os autores perceberam um desacordo considerável referente à etiologia e a terapia adequada para o TDAH, devido às causas multifatoriais do transtorno, o que dificultava o seu diagnóstico na época do estudo. Porém, hoje com as atualizações do DSM-5 e CID-11, sabemos que os diagnósticos são respaldados por

critérios bem definidos e fundamentados, o que diminui as chances de um diagnóstico errado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, a partir dos estudos realizados, que parece haver uma falta de representatividade populacional nos estudos de coorte e casos-controle, por trabalharem populações muito específicas e restritas, sejam elas compostas por adotados, sejam elas restritas a uma região específica. Também as revisões sistemáticas apontam para a mesma carência de representatividade populacional, apontando vieses diversos que indicam a necessidade de estudos mais amplos.

Muitos estudos apontam para evidências de que a privação precoce de apego seja um fator preditivo para o TDAH, relacionando a falta de reciprocidade, espelhamento e contenção emocional por parte do cuidador como tais fatores, causando altos níveis de estresse no início da vida, com potencial impacto na maturação do cérebro. Apesar disso, há evidências da influência do apego inseguro e desorganizado na manifestação sintomatológica do TDAH na criança e no adolescente, corroborando o questionamento inicial proposto neste estudo.

Também foi verificada a carência de estudos que apontem para a possibilidade de uma influência das funções executivas no TDAH por meio de outra variável como o apego, não ficando claro qual a influência desses aspectos com relação ao desempenho das funções executivas, ou qual fator seria mais significativo na manifestação dos sintomas do TDAH, se o estilo de apego ou o desempenho das funções executivas.

Ainda deve-se considerar, a partir de novos estudos, a influência da transmissão transgeracional do apego no desenvolvimento do TDAH. Assim, sugere-se a necessidade de novos estudos que estabeleçam os mecanismos exatos que apontem para a relação entre o estilo de apego e o desenvolvimento do TDAH, relacionando ainda o efeito dessa relação na maturação do cérebro da criança.

REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano N., **Teoria do Apego**: fundamentos, pesquisas e implicações clínicas. Belo Horizonte, Artesã Editora, 2019.

ARRUDA, Marco Antonio – **Levados da Breca. – Ribeirão Preto: Instituto Glia, 2006**

BARKLEY, Russell A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH)**: guia completo e autorizado para os pais, professores e profissionais da saúde. Tradução Luís Sérgio Roizman - Porto Alegre: Artmed, 2002

BOWLBY, John. (1969/1990). **Apego e perda: Apego – A Natureza do Vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, vol.1., 1990.

COUTINHO, Virgínia Menezes; QUEIROGA, Bianca Arruda Manchester; SOUZA, Rafaela Cristina. **Estilo de Apego em crianças com doenças crônicas: uma revisão integrativa**. Rev. paul. pediatr. 38 • 2020

COUTINHO VM, QUEIROGA BAM, SOUZA RC. **Attachment style in children with chronic diseases: a comprehensive review**. Rev Paul Pediatr. 2020;38:e2018308. doi: 10.1590/1984-0462/2020/38/2018308. Epub 2020 May 8. PMID: 32401946; PMCID: PMC7212585.

DALBEM, J.X.; DELL'AGLIO D. **Teoria do Apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento**. Arquivos brasileiros de Psicologia, v.57,n.1,p. 12-24, 2005

DEKKERS TJ, HORNSTRA R, van den HOOFDAKKER BJ, de JONG SRC, SCHAAF JV, BOSMANS G, van der Oord S. **Attachment Representations in Children with and without Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder (ADHD)**. Brain Sci. 2021 Nov 16;11(11):1516. doi: 10.3390/brainsci11111516. PMID: 34827515; PMCID: PMC8615467.

DOLTO, Françoise. **A causa dos adolescentes**. Tradução: Orlando dos Reis. Aparecida - SP: Ideias & Letras, 2004

EINSENSTEIN, Evelyn. **Adolescência: definições, conceitos e critérios**. Rio de Janeiro, Adolescência & Saúde, 2005.

FRICK, M.A., DARLING RASMUSSEN, P. and BROCKI, K.C. (2022), **Can attachment predict core and comorbid symptoms of attention-deficit/hyperactivity disorder beyond executive functions and emotion regulation?**. Br J Clin Psychol, 61: 93-111. <https://doi.org/10.1111/bjc.12317>

GILL, R. **Análise de Discurso**. In: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 3a ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2002. p. 347 - 385

KAŻMIERCZAK-MYTKOWSKA A, BUTWICKA A, LUCCI KD, WOLAŃCZYK T, BRYŃSKA A. **Attachment in adolescents with attention deficit hyperactivity disorder and oppositional defiant disorder**. Psychiatr Pol. 2022 Jun 30;56(3):535-549. English, Polish. doi: 10.12740/PP/OnlineFirst/130366. Epub 2022 Jun 30. PMID: 36342984.

KISSGEN R, FRANKE S. **An attachment research perspective on ADHD**. Neuropsychiatr. 2016 Jun;30(2):63-8. doi: 10.1007/s40211-016-0182-1. Epub 2016 Jun 9. PMID: 27283405; PMCID: PMC4917589.

KONOWALEK Ł, WOLAŃCZYK T. **Attachment and Executive Functions in ADHD Symptomatology-Independent Inputs or an Interaction?** Brain Sci. 2020 Oct 22;10(11):765. doi: 10.3390/brainsci10110765. PMID: 33105710; PMCID: PMC7690371.

MARTIN, Fran. Entre 5% e 8% da população mundial apresenta Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade. Gov.br/Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/entre-5-e-8-da-populacao-mundial-apresenta-transtorno-de-deficit-de-atencao-com-hiperatividade>. Acesso em 01 dezembro de 2023.

MENDES, Marco Aurélio. **A clínica do apego** - fundamentos para uma psicoterapia afetiva, relacional e experiencial. Novo Hamburgo. Sinopsis Editora, 2021

ORLANDI, EP. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas (SP): Pontes; 1999.

PAPALIA, Diane E., MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento Humano**. 14. ed. - Porto Alegre: AMGH, 2022

ROSKAM I, STIEVENART M, TESSIER R, MUNTEAN A, ESCOBAR MJ, SANTELICES MP, JUFFER F, Van Ijzendoorn MH, Pierrehumbert B. **another way of thinking about adhd: the predictive role of early attachment deprivation in adolescents' level of symptoms**. Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol. 2014 Jan;49(1):133-44. doi: 10.1007/s00127-013-0685-z. Epub 2013 Apr 20. PMID: 23604619.

SIEGEL, Daniel J. **Cérebro adolescente**: a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos. Tradução de Ana Claudia Hamati. São Paulo: nVersos, 2016

WINNICOTT, Donald W., **A família e o desenvolvimento individual**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla - 4ª ed - São Paulo, Martins Fontes, 2011